

Educação Financeira no Ensino Superior: Uma Análise Quali-Quanti por Clusters

Fernanda Oliveira Pereira

Rafael Cardoso do Nascimento

Carlos Heitor Campani

Resumo

Este trabalho analisou o nível de educação financeira e as decisões de manutenção de reserva financeira e investimentos de estudantes universitários do estado do Rio de Janeiro. Os resultados demandam atenção. Cerca de um a cada quatro universitários demonstrou não saber que no longo prazo os juros compostos fazem o dinheiro crescer mais rapidamente que os juros simples, algo que se aprende (ou deveria ser aprendido) no Ensino Médio. De forma ainda mais surpreendente, apenas 14% dos entrevistados souberam responder corretamente qual era a taxa Selic à época da pesquisa! Outro resultado importante encontrado diz que o nível de educação financeira dos universitários é correlacionado com o grau de proximidade do curso de graduação com finanças, o que sugere a necessidade de uma espécie de currículo básico em educação financeira para todos os cursos de graduação. Como outros resultados dessa pesquisa, ressalta-se que gênero, período universitário, participação em cursos de finanças e “estudo por conta própria” se mostraram relevantes na determinação do nível de educação financeira individual. Um agradável resultado encontrado foi a falta de evidência de que cor/raça impactaria o nível de educação financeira do universitário.

Palavras-Chave: Finanças pessoais, Finanças comportamentais, Educação financeira, Educação superior.

1. INTRODUÇÃO

Em diversas situações da vida, todos temos de lidar com algum tipo de decisão financeira: se compra à vista com desconto ou parcelado no cartão de crédito, quanto

gastar do limite aprovado no cartão, se faz ou não um financiamento para comprar uma casa, se consome ou poupa etc. A lista é extensa. A fim de tomar a melhor decisão, é preciso ter uma série de conhecimentos dentro do contexto que usualmente chamamos de educação financeira. De acordo com a OECD (2005), a educação financeira é o processo no qual o investidor/consumidor financeiro melhora seu entendimento de conceitos e produtos financeiros e desenvolve os talentos e confiança necessários para se tornar mais consciente de oportunidades e riscos financeiros, a fazer escolhas informadas, a saber onde procurar ajuda e a tomar outras ações para melhorar seu bem-estar financeiro.

Nesse contexto, o jovem está em uma fase naturalmente caracterizada por uma poupança negativa, já que, segundo Modigliani e Brumberg (1954), o indivíduo tende a se endividar quando jovem, poupa na meia idade e despilha na velhice para financiar esta etapa da vida. Por esse motivo, a capacidade para lidar com suas dívidas e finanças se mostra crucial para evitar que o jovem perca o controle dessas. Caso contrário, este pode acabar se endividando excessivamente e comprometendo sua habilidade de formação de poupança e planejamento para a aposentadoria, com sérias consequências para a geração de riqueza e bem-estar. Assim, a importância do acesso à educação financeira por parte dos jovens é inegável. Neste sentido, esta pesquisa busca analisar o nível de educação financeira dos estudantes de Instituições de Ensino Superior do estado do Rio de Janeiro.

A falta de oferta de cursos de educação financeira nas escolas e faculdades do país é generalizada. No entanto, há um esforço recente por parte do governo federal para mudar a situação. Em 2010, houve a implantação da Estratégia Nacional da Educação Financeira (ENEF), a qual buscava desenvolver, em escolas do ensino fundamental e médio que aderissem ao programa, atividades de educação financeira a partir de material didático elaborado com esse propósito (Soares & Marchito, 2019). Além disso, a partir de 2020, a disciplina de educação financeira se tornou obrigatória nas escolas a partir de sua incorporação nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Porém, tais atitudes são recentes e se mostram ineficientes para educar o cidadão em idade adulta, os quais não são contemplados por tais políticas, em conhecimentos necessários à sua vida financeira.

Além disso, no Brasil, devido à baixa renda e ao passado de hiperinflação do país, a cultura de poupança e investimentos não é enraizada. Ao mesmo tempo, a cultura da dívida é comum, mesmo com os altos juros cobrados no país devido ao spread bancário para pessoas físicas, notadamente entre aquelas oriundas das classes menos favorecidas

da sociedade. Nesse sentido, essa cultura de dívidas por parte dos brasileiros se mostra ainda mais grave quando a situação atual das famílias brasileiras é analisada. De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (2020), realizada pela CNC, o percentual de famílias endividadas é de 67,5% em agosto de 2020. Além disso, 26,7% das famílias estão com dívidas em atraso, um aumento em relação ao mesmo período de 2019 (24,3%) e atingindo a maior proporção desde março de 2010, o que reflete a má gestão financeira por parte da população brasileira.

Não obstante, os indivíduos estão se conscientizando um pouco mais, através da mídia e redes sociais, sobre a importância de temas como poupança e investimento. Nesse sentido, estão cada vez mais buscando produtos financeiros e meios de investimento. Também estão buscando se educar financeiramente por conta própria, o que está sendo facilitado pela grande oferta de materiais em sites de notícias e nas redes sociais sobre o assunto. Como consequência, o número de investidores na bolsa de valores está em seu recorde e crescendo cada vez mais. Além disso, a maioria deles é composta de jovens, já que, de acordo com dados da bolsa brasileira B3 (2020), os investidores pessoa física com idade de 16 a 35 anos representam 46,75% do total de investidores pessoa física na bolsa. Dessa forma, o público jovem se destaca entre os atuais investidores.

No entanto, o aumento da demanda por produtos de investimento não significa que quem está procurando tal produto esteja apto a tomar decisões acertadas em relação às suas finanças. Ademais, é preciso averiguar se quem busca se educar financeiramente por conta própria consegue atingir um nível ideal de conhecimento financeiro para gerir suas finanças, o que ressalta ainda mais a importância do presente trabalho no sentido de avaliar o conhecimento e as decisões financeiras.

Embora haja indícios de que as escolas e universidades do país pequem quando se trata de educação financeira e do ensino de finanças pessoais, alguns cursos, por terem matérias como matemática financeira e afins em sua grade curricular, dão uma base mais robusta de finanças para seus alunos. Pensando nisso, pretende-se, neste trabalho, separar os alunos em diferentes clusters, a fim de averiguar se o conhecimento adquirido no ensino superior, principalmente em cursos com maior probabilidade de oferecer matérias de finanças a seus alunos, tais como Economia, Contabilidade e Administração, provê o indivíduo com um nível de conhecimento adequado para manejar suas finanças. Além disso, pretende-se averiguar se há uma diferença entre o conhecimento financeiro destes

alunos em relação aos demais, bem como que outras variáveis podem impactar o nível de educação financeira dos universitários.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A fim de compreender a importância da educação financeira e sua influência nas decisões de reserva financeira e investimentos de estudantes universitários, faz-se necessária a observação da literatura existente. Mas, primeiramente, para fins de maior clareza na avaliação dos trabalhos que serão apresentados, é preciso diferenciar os conceitos de educação e conhecimento financeiro, já apresentados anteriormente, do conceito de alfabetização financeira, os quais são comumente utilizados como sinônimos.

Os conceitos de educação e alfabetização financeira são definidos pela maioria dos autores citados neste trabalho de acordo com as definições da OECD: o primeiro de acordo com a OECD (2005), como já explicado anteriormente, e o segundo, de acordo com Atkinson e Messy (2012). Dessa forma, a alfabetização financeira é uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessária para tomar decisões financeiras e para que um indivíduo possa alcançar seu bem-estar financeiro. Assim, como educação financeira representa o conhecimento financeiro, enquanto na alfabetização financeira este é apenas uma das variáveis na sua definição, este trabalho faz distinção entre educação e alfabetização financeira, enquanto usa educação e conhecimento financeiro como sinônimos.

A fim de mensurar o nível de educação financeira e seus efeitos na vida financeira dos indivíduos, Souto, Silva e Botelho (2019) analisaram essa relação entre alunos e ex-alunos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração da Universidade de Brasília. A partir de uma amostra de 177 entrevistados, foi feito um questionário e os resultados demonstraram que os entrevistados possuem conhecimento financeiro satisfatório, gerenciando bem sua renda e se programando antes de consumir. No entanto, o destaque foi para a baixa propensão a ter uma reserva de emergência. Além disso, sobre a relação entre conhecimento e comportamento financeiro, demonstrou-se que, embora todos os indivíduos da amostra tenham tido um resultado satisfatório, os com maior conhecimento performaram melhor, demonstrando menor propensão ao risco e ao endividamento.

Seguindo em tema similar, Ergün (2018) analisou universitários de várias partes da Europa, representados por estudantes da Estônia, Alemanha, Itália, Holanda, Polônia, Romênia, Rússia e Turquia. Foi aplicada uma pesquisa online, a qual apontou que o nível dos alunos pode ser considerado médio, com média de acertos de 72,2%. Ademais, homens, estudantes de finanças e estudantes que obtiveram educação financeira na faculdade performaram melhor.

Nos Estados Unidos, Robb (2011) examina a relação entre conhecimento financeiro e o comportamento em relação a cartões de crédito por parte de estudantes de graduação e pós graduação de uma universidade do sul dos EUA, por meio de um survey online. Os resultados sugerem que o conhecimento financeiro é ruim, com 31,02% da amostra com baixo conhecimento e quase 50% com conhecimento médio. Além disso, estudantes com maior conhecimento financeiro tendem a se envolver menos em comportamentos de risco, tais como chegar ao limite do cartão e só pagar o mínimo, sendo mais responsáveis.

No Brasil, Andrade e Lucena (2018) separaram os estudantes em dois grupos distintos, de acordo com a existência da oferta de matérias relacionadas a cálculo e finanças no curso, a fim de medir se a existência dessas matérias influencia o conhecimento financeiro dos alunos. O primeiro grupo foi composto por alunos de Ciências Contábeis e o segundo, por alunos dos cursos de Pedagogia, Biologia, História, Música e Serviço Social. Foi aplicado, presencialmente, um questionário e os resultados demonstraram que a maioria da amostra tem um conhecimento insuficiente para gerir suas finanças. No entanto, os alunos de Ciências Contábeis performaram melhor, indicando uma relação entre cursos com matérias de finanças e o conhecimento financeiro. Além disso, observou-se que os homens se saíram melhor que as mulheres, indicando uma diferença do nível de conhecimento baseado no gênero.

Ainda no tema da mensuração da educação financeira e possíveis diferenças desta nos indivíduos de acordo com suas características socioeconômicas, o trabalho de Shahrabani (2013) em Israel mostrou que o nível de conhecimento financeiro dos estudantes é relativamente baixo, com média de acertos de 55,5%. Além disso, os homens performaram melhor que as mulheres, assim como estudantes de economia e administração e estudantes com maior experiência de trabalho se saíram melhor. Concluiu-se, assim, que gênero, experiência de trabalho e área de estudo são fatores que afetam o conhecimento financeiro dos estudantes de forma significativa.

Nos EUA, Scheresberg (2013), a partir de uma amostra com jovens entre 25 e 34 anos, buscou analisar a relação entre educação e o comportamento financeiro e entre este e o uso de empréstimos com altos custos, poupança e planos para a aposentadoria. Os resultados demonstraram que a educação financeira é baixa, com somente 34% da amostra respondendo corretamente a todas as questões sobre educação financeira, com destaque para a falta de uma reserva financeira por parte da maioria da amostra. Além disso, os adultos mais velhos (30 – 34 anos), homens, brancos e asiáticos e indivíduos com ensino superior se saíram melhor, demonstrando que a alfabetização financeira é especialmente baixa entre as minorias. Sobre a relação entre a educação e o conhecimento financeiro, demonstrou-se que quem tem um nível maior de educação financeira tende a se preocupar mais com a aposentadoria, poupar mais de forma precaucionaria e usar menos empréstimos de altos custos.

No Brasil, Vieira, Bataglia e Sereia (2011) analisaram, através de um survey online, se a educação financeira obtida durante os cursos que têm matérias de finanças em sua grade curricular (no caso, Ciências Contábeis, Economia e Administração) afeta as decisões financeiras em relação ao consumo, poupança e investimento por parte dos alunos. A fim de avaliar somente o conhecimento obtido na graduação, os autores só consideraram os alunos da primeira e última séries dos cursos em questão. Os resultados mostraram que a influência da formação acadêmica para a melhor tomada de decisões de consumo, investimento e poupança dos indivíduos, embora existente, não é estatisticamente significativa. Dessa maneira, pode-se concluir que somente o conhecimento adquirido na universidade, mesmo em cursos com matérias relacionadas a finanças, não é o bastante para atingir um nível de educação financeira ótimo.

Voltando aos EUA, Chen e Volpe (1998) buscaram verificar o nível de educação financeira de universitários, assim como a relação entre esse conhecimento e as decisões dos alunos. Os resultados sugeriram que os estudantes precisam aprimorar seus conhecimentos sobre finanças pessoais, já que a média de acertos foi de somente 53%. Além disso, descobriu-se que os que não são formados em negócios, mulheres, menores de 30 anos e com pouca experiência de trabalho têm níveis mais baixos de educação financeira. Também se constatou que os entrevistados com maior conhecimento têm opiniões mais corretas, assim como tendem a agir mais de acordo com suas opiniões em relação às suas finanças.

Costa e Miranda (2013) analisam o efeito do nível de educação financeira de um indivíduo e sua taxa de poupança. A partir de uma análise feita por meio de um questionário online, com uma amostra de 345 indivíduos com nível de escolaridade de 15,1 anos de estudo, os resultados mostraram que o nível de educação financeira influencia diretamente na taxa de poupança do indivíduo. No entanto, o nível de escolaridade não afeta significativamente a taxa de poupança. Além disso, gênero, renda e etnia afetam a taxa de poupança de maneira significativa.

Na Rússia, Klapper, Lusardi e Panos (2013) buscaram examinar a importância da educação financeira e seus efeitos sobre o comportamento e sobre a economia real. A educação financeira foi mensurada através do conhecimento da amostra sobre inflação, juros compostos, cálculo, taxa de juros e descontos em compras. Os resultados evidenciaram um baixo nível de educação financeira, com apenas 41,4%, 23,3%, 45,6% e 69,5% respondendo corretamente às questões sobre juros compostos, taxa de juros, inflação e desconto, respectivamente. Além disso, os indivíduos com maior conhecimento financeiro se mostraram menos propensos a relatar um choque negativo de renda durante 2009, sugerindo que a educação financeira pode equipar melhor os indivíduos para lidar com choques macroeconômicos.

Rooij, Lusardi e Alessie (2011) buscaram medir a educação financeira e estudar sua relação com a participação no mercado de ações por meio de uma amostra representativa da população holandesa. A educação financeira foi medida em duas partes: a primeira, composta de questões sobre inflação, juros compostos, funcionamento das taxas de juros, valor do dinheiro no tempo e ilusão monetária. Já a segunda parte buscava mensurar conhecimentos mais avançados, tais como a diferença entre títulos e ações, o funcionamento do mercado de ações, diversificação de riscos e a relação entre preços de títulos e taxas de juros. Os autores descobriram que a maioria dos entrevistados exibe conhecimento em algum dos temas mais básicos, mas somente 40,2% acertaram todas as questões. Além disso, a educação financeira afeta a tomada de decisões financeiras, já que os que possuem baixa escolaridade têm menos probabilidade de investir em ações.

Com base na literatura existente, pode-se concluir que, em geral, a falta de educação financeira de estudantes universitários ao redor do mundo é preocupante. Seja em 1998 (Chen & Volpe, 1998) ou em 2013 (Scheresberg, 2013), no Brasil ou em diferentes partes da Europa, nos Estados Unidos e em Israel, os resultados foram de medianos a ruins, demonstrando que um baixo conhecimento sobre finanças pessoais é

um fenômeno generalizado entre os jovens. Além disso, no Brasil e no mundo, homens, pessoas brancas e com maior experiência de trabalho tendem a ter um conhecimento maior que mulheres, pessoas de outras etnias e indivíduos sem experiência, indicando a necessidade de um foco maior no ensino a estes grupos.

A partir dos estudos de Costa e Miranda (2013) e Rooij, Lusardi e Alessie (2011), conclui-se que há a existência de uma relação direta entre educação financeira e poupança, investimentos e planejamento para a aposentadoria. Além disso, um resultado corroborado pelos estudos citados anteriormente, tanto no Brasil como no exterior, é o de que estudantes de cursos relacionados a finanças (Economia, Administração e Contabilidade no Brasil, e cursos de Administração no exterior) têm uma educação financeira melhor que a média. Dessa forma, pode haver uma ligação entre as cadeiras de finanças estudadas na faculdade e o conhecimento financeiro. No entanto, a maioria dos estudos analisados apontaram que não há uma relação entre os anos de estudo tradicionais e a educação financeira, o que mostra que é preciso investir em cursos e matérias específicas de educação financeira para melhorar este conhecimento nos indivíduos.

3. METODOLOGIA

Partindo da análise de Belk, Fischer e Kozinets (2013), a presente pesquisa, por se tratar de um trabalho em um contexto específico ao local, tempo e pessoas envolvidas, é um trabalho majoritariamente qualitativo. No entanto, por utilizar dados numéricos e métodos estatísticos, assim como pela relação de distanciamento entre o pesquisador e as respostas obtidas, também há um cunho quantitativo. A principal pergunta a ser respondida por este trabalho é: o nível de educação financeira de estudantes universitários, assim como suas decisões acerca de manter reserva financeira e investi-la, se diferencia de acordo com o curso de graduação?

Segundo Belk, Fischer e Kozinets (2013), as pesquisas qualitativas podem se encaixar em diversas tradições de pesquisa, as quais são um conjunto de afirmações filosóficas que uma determinada pesquisa segue ou se associa. Nesse contexto, é possível encaixar o presente trabalho nas tradições neopositivista e crítica.

A associação à primeira tradição se dá pela busca da explicação de um fenômeno, o qual, no presente caso, se trata da educação financeira de estudantes universitários e suas causas. Já associação à tradição crítica provém do fato de que, mais do que saber o

nível de conhecimento financeiro dos alunos, pretende-se averiguar também diferenças do nível de conhecimento em relação ao curso, assim como irá buscar soluções para ampliar o conhecimento de forma igualitária para todos os alunos.

Seguindo os métodos de coleta de dados mais adequados às duas tradições, o presente trabalho coletou informações de estudantes de diferentes universidades do estado do Rio de Janeiro a partir de um questionário online, descrito no Anexo I. A divulgação foi feita através de e-mails para as secretarias acadêmicas de universidades públicas e privadas, bem como divulgação em redes sociais. O questionário foi estruturado com perguntas sobre a graduação em curso; sociodemográficas; sobre fontes de renda, reserva financeira e investimentos; sobre capacitação financeira e, por fim, cinco perguntas para averiguar o nível de educação financeira dos alunos. Foram obtidas 150 respostas, que, após um recorte inicial devido a questionários incompletos ou de não universitários, foram reduzidas para 146 conjuntos de respostas válidas e completas.

A fim de que se pudesse avaliar diferenças derivadas do curso escolhido, os estudantes foram separados em três clusters: o primeiro, composto por alunos que cursam matérias relacionadas a finanças, tais como Administração, Contabilidade e Economia. Já o segundo cluster foi composto por alunos de cursos com uma forte base em exatas, tais como Engenharias, Matemática, Física etc. Por fim, o terceiro cluster foi composto por alunos de cursos que não possuem, necessariamente, base em exatas ou em finanças, tais como Letras, Geografia, História, entre outros.

Os resultados coletados sobre o nível de educação financeira foram tratados com dois testes não-paramétricos, como foi feito no trabalho de Andrade e Lucena (2018): o teste de Mann-Whitney e o teste de Kruskal-Wallis. O teste de Mann-Whitney é utilizado para variáveis binárias quando os dados não possuem uma distribuição normal e têm uma amostra não necessariamente grande. É o equivalente não-paramétrico do teste t e utiliza a ordenação dos valores em postos ordenados para buscar por diferenças entre os grupos (Dancey & Reidy, 2013; Field, 2009). Já o teste de Kruskal-Wallis é o equivalente não-paramétrico do teste ANOVA e se aplica a variáveis com mais de duas categorias. Também é válido quando a amostra de dados é pequena e não possui distribuição normal. Assim como o teste de Mann-Whitney, também se baseia em postos ordenados (Dancey & Reidy, 2013; Field, 2009).

O teste de Kruskal-Wallis informa apenas se há diferenças entre os grupos testados, mas não em quais pares de grupos existem essas diferenças, assim como se as

diferenças em pares são significativas. Dessa forma, o teste de Dunn será utilizado como um teste post-hoc nos casos em que a hipótese nula do teste de Kruskal-Wallis for rejeitada, devido à sua adequação a casos em que os tamanhos das amostras de cada grupo forem diferentes (Zar, 2010). Para fins de análise estatística, a variável dependente será construída a partir da porcentagem de acertos nas questões sobre conhecimento em educação financeira. As variáveis independentes são identificadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Variáveis

Dependente	Variável que mede a porcentagem de acertos de cada respondente
Independentes	Variável que separa os respondentes em três clusters: cluster 1, composto de alunos dos cursos de Economia, Contabilidade e Administração, cluster 2, composto de alunos de cursos de exatas (Engenharia, Física, Química etc.) e cluster 3, composto de alunos que não são nem próximos de finanças e nem de exatas (Letras, Psicologia, Serviço Social etc.). (Cluster)
	Variável que mede em qual faixa etária o respondente está: se é menor de 20 anos, se tem entre 20 e 25 anos, entre 25 e 30 anos, entre 30 e 35 anos ou se é maior de 35 anos (Idade)
	Variável que mede a cor/raça do respondente: se este tem a cor/raça branca, parda, preta, amarela ou indígena (Cor)
	Variável que mede se um determinado respondente pertence ao gênero feminino ou masculino (Gênero)
	Variável que mede se o respondente estiver a partir do 5º período da faculdade ou não (Período)
	Variável que mede se um determinado respondente já fez algum tipo de curso ou capacitação sobre finanças (Curso)
	Variável que mede se o respondente busca aprender sobre finanças por conta própria (“Estudo por conta própria”)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Para a análise dos clusters, da idade e da cor, o teste de Kruskal-Wallis será rodado. Caso tal teste se mostre significativo, o teste de Dunn será executado como um teste post-hoc ao teste de Kruskal-Wallis, com o intuito de verificar quais grupos são diferentes entre si. Já para as variáveis binárias gênero, período, curso e “estudo por conta própria”, testes de Mann-Whitney serão rodados.

4. RESULTADOS

4.1. RESULTADOS DESCRITIVOS

A partir das respostas ao questionário, constatou-se que, dos 146 respondentes, 40,4% são do primeiro cluster, 21,9% são do segundo e 37,7% pertencem ao terceiro cluster. A maioria pertence ao gênero feminino, assim como possui cor branca, está na faixa etária de 20 a 25 anos e tem alguma fonte de renda. Os resultados gerais estão sumarizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Resultados Gerais ao Questionário

		Quantidade	Porcentagem
Clusters	Cluster 1	59	40,4%
	Cluster 2	32	21,9%
	Cluster 3	55	37,7%
Período	Até o 4º Período	53	36,3%
	A partir do 5º Período	93	63,7%
Gênero	Feminino	78	53,4%
	Masculino	67	45,9%
	Prefiro não responder	1	0,7%
Cor	Branca	80	54,8%
	Parda	38	26,0%
	Preta	22	15,1%
	Amarela	1	0,7%
	Indígena	2	1,4%
	Prefiro não responder	3	2,0%
Faixa Etária	Menor de 20	13	8,9%
	De 20 a 25	98	67,1%
	De 25 a 30	23	15,7%
	De 30 a 35	5	3,4%
	Maior de 35	7	4,8%
Renda Própria	Sim	86	58,9%
	Não	60	41,1%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Note-se que 83,6% dos alunos não recebem auxílio universitário. Dos respondentes que já possuem renda, 89,5% têm renda de até R\$ 3.000,00, 8,1% têm renda de R\$ 3.000,00 a R\$7.000,00 e 2,3% têm renda de R\$ 7.000,00 a R\$10.000,00. A maioria, 77,4%, mora com os pais. Dos que moram com os pais, a maioria não ajuda em casa (65,5%).

O nível de educação financeira foi medido por cinco questões, em ordem crescente de dificuldade, sobre juros compostos, inflação, precificação de títulos públicos, taxa de juros de mercado e desconto em compras, nesta ordem. Os resultados sobre os acertos gerais e por questão estão sumarizados na Tabela 2 e na Tabela 3, respectivamente.

Tabela 2 - Resultados de Acertos Totais por Cluster

	Total de Acertos	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Todos
Acertos nas questões sobre finanças	0% (0)	0,0%	3,1%	16,4%	6,8%
	20% (1)	3,4%	6,2%	29,1%	13,7%
	40% (2)	22,0%	37,5%	27,3%	27,4%
	60% (3)	54,2%	50,0%	20,0%	40,4%
	80% (4)	20,3%	0,0%	7,3%	11,0%
	100% (5)	0,0%	3,1%	0,0%	0,7%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 3 – Resultados de Acertos por Questão por Cluster

	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Todos	
Acertos nas questões sobre finanças	1ª questão	93,2%	90,6%	49,1%	76,0%
	2ª questão	100,0%	90,6%	70,9%	87,0%
	3ª questão	59,3%	21,9%	12,7%	33,6%
	4ª questão	11,9%	21,9%	12,7%	14,4%
	5ª questão	27,1%	21,9%	27,3%	26,0%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como resultado geral, pode-se averiguar que 6,8% da amostra não acertou nenhuma questão, 13,7% acertaram somente uma questão, 27,4% acertaram duas questões, 40,4% acertaram três questões, 11,0% acertaram quatro questões e somente 0,7% (um respondente) da amostra acertou todas as questões. Dessa forma, pode-se concluir que, enquanto a maior parte da amostra teve um desempenho razoável, poucos mostraram ter um conhecimento básico sólido e consistente: a maioria absoluta (88,3%) acertou 3 ou menos das cinco perguntas. Em especial, aproximadamente um a cada quatro universitários (e a maioria destes, do cluster 3) não sabe que os juros compostos fazem o dinheiro crescer muito mais rapidamente que os juros simples, algo que se aprende (ou deveria ser aprendido) no Ensino Médio. Adicionalmente, apenas 14,4% dos entrevistados souberam responder corretamente qual era a taxa Selic à época da pesquisa! Em outras palavras, 6 em cada 7 universitários não sabem qual é a taxa Selic atual.

Sobre os resultados gerais por cluster, 74,6% do cluster 1, 53,1% do cluster 2 e 27,3% do cluster 3 acertaram 60% ou mais das questões. Dessa forma, o cluster 1, mais

alinhado a finanças, teve o melhor desempenho, com a maioria tendo uma porcentagem alta de acertos, assim como não tendo nenhum respondente que não acertou nenhuma questão. O cluster 2 também teve um bom desempenho, embora inferior ao cluster 1, com mais da metade de seus componentes acertando 60% questões ou mais. Por fim, o cluster 3 teve o pior desempenho, com a maioria absoluta de seus alunos acertando menos de 60%.

Avaliando os resultados por questão, pode-se averiguar que, enquanto a maioria acertou as duas primeiras questões, consideradas mais fáceis, o mesmo não ocorreu com as questões de nível mais elevado. Sobre os resultados por clusters, a maior parte do primeiro e do segundo cluster acertou a primeira e a segunda questão, consideradas mais simples. No entanto, menos da metade do terceiro cluster acertou a primeira questão. Avaliando os resultados da terceira, quarta e quinta questão, pode-se perceber que a porcentagem de acertos caiu, o que já era esperado, dado o aumento de complexidade das questões. Pode-se observar, portanto, que os alunos do primeiro cluster tendem a ter uma porcentagem maior de acertos nas questões de conhecimento financeiro, o que pode ser devido a uma maior familiaridade dos alunos com o tema, já que muitos tem matérias de matemática financeira e finanças na faculdade.

Para analisar se um maior nível de educação financeira leva a melhores decisões no dia a dia da vida financeira, o presente trabalho avaliou como os respondentes lidam com assuntos tais como reserva financeira, investimentos, dívidas e meios de educação financeira. Os resultados estão descritos na Tabela 4.

Tabela 4 – Resultados sobre Reserva Financeira, Investimentos, Dívidas e Meios de Educação sobre Finanças

		Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Todos
Reserva Financeira	Sim	81,4%	78,1%	58,2%	71,9%
	Não	18,6%	21,9%	41,8%	28,1%
Investimentos	Sim	59,3%	56,2%	21,8%	44,5%
	Não	22,0%	21,9%	36,4%	27,4%
Dívida	Sim	8,5%	9,4%	32,7%	17,8%
	Não	91,5%	90,6%	67,3%	82,2%
Curso(s)	Sim	57,6%	15,6%	14,5%	32,2%
	Não	42,4%	84,4%	85,4%	67,8%
“Estudo por conta própria”	Sim	83,0%	78,1%	65,4%	75,3%
	Não	16,9%	21,9%	34,5%	24,7%

Fonte: Elaborada pelos autores.

No agregado, 71,9% dos respondentes possuem reserva financeira, mas apenas 44,5% investem e 44,8% consegue poupar mais de 20% daquilo que recebem. Dos que investem, a maioria investe em Ações e Títulos Públicos (55,4% e 40,0%, respectivamente – percentuais não apresentados na tabela). Sobre os resultados por clusters, a maioria do primeiro e segundo cluster investe sua reserva, o que não ocorre com o cluster 3. Sobre o acesso à educação financeira dos que investem, 19,2% dos que investem já fizeram algum curso ou capacitação sobre finanças. Por clusters, 35,6% do primeiro, 12,5% do segundo e 5,4% do terceiro investem e já fizeram algum tipo de curso ou capacitação.

No agregado, apenas 17,8% possuem dívida no momento. Destes, a maioria possui dívida no cartão de crédito (19,2%), em compras parceladas (19,2%), em uma combinação dos dois (23,1%), assim como em uma combinação de empréstimos, cartão de crédito e compras parceladas (38,5%). A maioria afirmou não possuir dívidas. Isso, no entanto, pode ser resultado da falta de renda do universitário, já que muitos dos respondentes não têm renda, assim como muitos dos que não possuem dívidas também não possuem renda (43,3%). Além disso, a maioria dos que estão endividados pertence ao terceiro cluster.

Ademais, no agregado, apenas 32,2% participaram de cursos sobre finanças, com destaque para o fato de que a maioria do cluster 1 já participou, mas isso pode ser explicado pelo fato desse cluster incluir alunos de cursos de graduação que, na maioria das vezes, oferecem disciplinas de finanças. No entanto, a maioria afirma que busca aprender sobre finanças por conta própria, embora com menos destaque para o cluster 3 que, ao menos em tese, deveria buscar mais esse conhecimento.

A boa notícia é que a maioria dos respondentes consegue construir uma reserva com a renda que possui. No entanto, embora uma grande parcela tenha reservas, o número dos que investem é bem menor. Ademais, a maioria do primeiro e do segundo clusters afirma que investe sua reserva financeira, ao contrário do terceiro cluster, o que pode ser devido a um contato maior com disciplinas de finanças e exatas por parte desses clusters. Assim, conjectura-se que o menor número de respondentes que investem seja devido à falta de conhecimento suficiente em finanças para tomar boas decisões de investimento.

4.2 RESULTADOS ESTATÍSTICOS

A partir dos resultados dos testes de Kruskal-Wallis e Mann-Whitney, pode-se observar que as variáveis Cluster, Gênero, Período, Curso e “Estudo por conta própria” se mostraram significativas. Os resultados sobre o testes não-paramétricos rodados estão descritos na Tabela 5.

Tabela 5 – Resultados dos Testes Não-Paramétricos

Variável	Teste	P-Valor
Cluster	Kruskal-Wallis	0,000***
Idade	Kruskal-Wallis	0,221
Cor	Kruskal-Wallis	0,793
Gênero	Mann-Whitney	0,004***
Período	Mann-Whitney	0,036**
Curso	Mann-Whitney	0,001***
“Estudo por conta própria”	Mann-Whitney	0,013**

Fonte: Elaborada pelos autores.

Obs.: 146 observações, * significativo a 10%, **significativo a 5% e ***significativo a 1%.

Ademais, a fim de analisar quais clusters são diferentes entre si, dado que o teste de Kruskal-Wallis apontou que há diferenças significativas entre os grupos, o teste de Dunn foi rodado. Os resultados estão sumarizados na Tabela 6.

Tabela 6 – Resultados do Teste de Dunn para a Variável Cluster

Grupo 1	Grupo 2	P-valor ajustado
Cluster 1	Cluster 2	0,094*
Cluster 1	Cluster 3	0,000***
Cluster 2	Cluster 3	0,020**

Fonte: Elaborada pelos autores.

Obs.: 146 observações, * significativo a 10%, **significativo a 5% e ***significativo a 1%.

A partir dos resultados acima apresentados, pode-se observar que há uma diferença significativa entre os clusters 1 e 3, assim como em relação aos clusters 2 e 3, a 5% de significância. Ademais, há diferença estatística entre os clusters 1 e 2 a 10% de significância. Portanto, há evidências estatísticas de que todos os clusters são diferentes entre si.

Esse resultado não é surpreendente, já que o cluster 1, além de ter matérias sobre finanças na faculdade, obteve uma porcentagem maior de acertos por questão, teve uma maior parte de seu grupo acertando 60% ou mais das questões, assim como tem uma porcentagem maior de participação em cursos e capacitações sobre finanças. No entanto, o cluster 2 também se saiu bem, com metade de seus componentes acertando 60% das

questões. Por fim, é importante ressaltar a diferença significativa do cluster 3 em relação aos clusters 1 e 2, evidenciando um distanciamento desses universitários com suas finanças pessoais, o que é temeroso e suscita discussões a respeito da necessidade de cursos de finanças ao longo da formação universitária de alunos do cluster 3.

A variável Gênero também é significativa, em consonância com diversos estudos que demonstram que, em média, os homens têm uma melhor performance que as mulheres (Andrade & Lucena, 2018; Chen & Volpe, 1998; Costa & Miranda, 2013; Scheresberg, 2013; Shahrabani, 2013). Portanto, também há necessidade de equiparação das mulheres com relação à educação financeira e conjecturamos que isso seja fruto da cultura arcaica e ultrapassada de que “o dinheiro da casa era coisa do homem da casa”. Também há diferenças estatísticas no nível de educação financeira de quem está nos períodos finais da faculdade, os quais têm maior conhecimento em relação a quem está nos períodos iniciais. Esse resultado pode estar evidenciando que o Ensino Médio não está exercendo seu papel de formação universal em específico na área de educação financeira. Por fim, as variáveis Curso e “Estudo por conta própria” também se mostraram significativas, confirmando expectativas naturais. A idade do respondente não se mostrou um fator significativo, até porque esse fator, ao menos parcialmente, é capturado pelo período no curso de graduação. Por fim, um resultado agradável que deve ser ressaltado é que a pesquisa não apontou a cor/raça como fator significativo na análise.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo verificar o nível de educação financeira e seus efeitos nas decisões de manutenção de reserva financeira e investimentos de universitários do Rio de Janeiro. Os estudantes foram separados em clusters a fim de que se pudesse avaliar possíveis diferenças no nível de conhecimento derivadas do curso escolhido e eventuais consequências.

A amostra válida foi composta de 146 alunos. O nível de educação financeira foi avaliado a partir de cinco questões simples e objetivas. Não obstante, apenas uma pessoa (0,7%) acertou às cinco perguntas e um total de 10 respondentes (7%) simplesmente errou todas as perguntas. A maioria absoluta (88,3%) acertou 3 ou menos das cinco perguntas. Em especial, aproximadamente um a cada quatro universitários não sabe que os juros compostos fazem o dinheiro crescer muito mais rapidamente que os juros simples, algo que se aprende (ou deveria ser aprendido) no Ensino Médio. Adicionalmente, apenas

14% dos entrevistados souberam responder corretamente qual era a taxa Selic à época da pesquisa! Em outras palavras, 6 em cada 7 universitários não sabem qual é a taxa Selic atual. Esse resultado é ainda mais surpreendente pelo fato de estarmos lidando com jovens universitários, ou seja, pessoas que deveriam estar atentas ao principal indicador da economia brasileira e pertencentes a um seleto grupo que consegue chegar às ensino de 3º grau.

A pesquisa identificou que fatores como a proximidade do curso de graduação com Finanças, o gênero e o período da faculdade do respondente, assim como se já fez algum tipo de curso ou capacitação em finanças e/ou se busca aprender sobre o assunto por conta própria, se mostraram estatisticamente significativos em relação ao nível de educação financeira individual. Em contrapartida, variáveis como idade e cor/raça não se mostraram relevantes.

Quanto às decisões financeiras, averiguou-se que a maioria não possui dívidas e, daqueles que possuem, grande parte pertence ao cluster 3, com menos afinidade a Finanças. Um ponto que saltou aos olhos é que grande parte dos alunos possui reserva financeira, mas a maioria deles no cluster 3 não as investe, deixando, portanto, o dinheiro parado na conta corrente ou mesmo em casa. Por fim, dos que investem, poucos já fizeram algum tipo de curso sobre finanças, mas os que fizeram são, em maioria, do cluster 1.

Como sugestão para futuras pesquisas, recomenda-se a expansão da pesquisa para outros estados, a fim de que se verifique se os resultados apurados serão equivalentes. Ademais, também se recomenda que futuras pesquisas tenham um número maior de respondentes, a fim de que testes estatístico paramétricos possam ser aplicados e os resultados ganhem robustez. O efeito que se busca com essa pesquisa é levantar o debate a respeito da inserção de disciplinas de finanças pessoais e investimentos em cursos de graduação, principalmente naqueles menos afins com finanças.

REFERÊNCIAS

- Andrade, J. P., & Lucena, W. G. L. (2018). Educação Financeira: Uma Análise de Grupos Acadêmicos. *Revista Economia & Gestão*, 18(49), 103–121.
<https://doi.org/10.5752/p.1984-6606.2018v18n49p103-121>
- Atkinson, A., & Messy, F.-A. (2012). Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study. *OECD*

Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, 15.

<https://doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>

- B3. (2020). *Histórico Pessoas Físicas*. http://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/historico-pessoas-fisicas/
- Belk, R., Fischer, E., & Kozinets, R. V. (2013). Qualitative Consumer & Marketing Research . In K. Metzler (Ed.), *Journal of Social & Behavioural Research in Business* (Issue 1). SAGE: Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC.
- Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An Analysis of Personal Financial Literacy Among College Students. *Financial Services Review*, 7(2), 107–128.
[https://doi.org/10.1016/s1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/s1057-0810(99)80006-7)
- Costa, C. M., & Miranda, C. J. de. (2013). Educação Financeira e Taxa de Poupança no Brasil. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 3(3), 57–74.
<https://doi.org/10.18028/rgfc.v3i3.377>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2013). *Estatística sem Matemática para Psicologia* (5th ed.). Penso.
- Ergün, K. (2018). Financial Literacy Among University Students: A Study in Eight European Countries. *International Journal of Consumer Studies*, 42(1), 2–15.
<https://doi.org/10.1111/ijcs.12408>
- Field, A. (2009). *Descobrimo a Estatística Usando o SPSS* (2nd ed.). Artmed.
- Klapper, L., Lusardi, A., & Panos, G. A. (2013). Financial Literacy and its Consequences: Evidence from Russia During the Financial Crisis. *Journal of Banking and Finance*, 37(10), 3904–3923.
<https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2013.07.014>
- Modigliani, F., & Brumberg, R. (1954). Utility Analysis and the Consumption Function: An Interpretation of Cross-Section Data. In K. K. Kurihara (Ed.), *Post-Keynesian Economics* (pp. 388–436). Rutgers University Press.
<https://www.semanticscholar.org/paper/Utility-Analysis-and-the-Consumption-Function%3A-An-Kurihara/7fefaa44d6ab208c636746ae5d0f9ad5c71c1ea5>
- OECD. (2005). Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies. In

- Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies*. Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD).
<https://doi.org/10.1787/9789264012578-en>
- Peic. (2020). *Endividamento Segue Crescendo entre as Famílias de Menor Renda*.
- Robb, C. A. (2011). Financial Knowledge and Credit Card Behavior of College Students. *Journal of Family and Economic Issues*, 32(4), 690–698.
<https://doi.org/10.1007/s10834-011-9259-y>
- Rooij, M. Van, Lusardi, A., & Alessie, R. (2011). Financial Literacy and Stock Market Participation. *Journal of Financial Economics*, 101(2), 449–472.
<https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2011.03.006>
- Scheresberg, C. de B. (2013). Financial Literacy and Financial Behavior among Young Adults: Evidence and Implications. *Numeracy*, 6(2).
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5038/1936-4660.6.2.5>
- Shahrabani, S. (2013). Financial Literacy Among Israeli College Students. *Journal of College Student Development*, 54(4), 439–446.
<https://doi.org/10.1353/csd.2013.0063>
- Soares, F. P., & Marchito, E. (2019). Educação Financeira no Brasil: Uma Análise da Estratégia Nacional para a Educação Financeira (ENEF) sob a Ótica do Processo de Elaboração de Políticas Públicas. *Revista Vianna Sapiens*, 10(2), 34.
<https://doi.org/10.31994/rvs.v10i2.581>
- Souto, M. C. S. M., Silva, C. A. T., & Botelho, D. R. (2019). Revista de Ciências Contábeis . *Revista de Ciências Contábeis*, 10(19), 18–38.
<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rcic>ORCID:<http://orcid.org/0000-0002-6130-1590>ORCID:<http://orcid.org/0000-0002-5717-9502>ORCID:<http://orcid.org/0000-0002-6205-2071>
- Vieira, S. F. A., Bataglia, R. T. M., & Sereia, V. J. (2011). Educação Financeira e Decisões de Consumo, Investimento e Poupança: Uma Análise dos Alunos de Uma Universidade Pública do Norte do Paraná. *Revista de Administração Da Unimep*, 9(3), 61–86. <https://doi.org/10.15600/1679-5350/rau.v9n3p61-86>
- Zar, J. H. (2010). *Biostatistical Analysis* (5th ed.). Prentice Hall.

Anexo 1 – Questionário de Pesquisa

Bloco sobre o curso e a faculdade feitas:

Você é aluno de graduação?

Sim Não

Qual é o seu curso?

- Ciências Econômicas Engenharias
 Ciências Contábeis Administração
 Ciências Atuariais Matemática (Aplicada, Licenciatura, Bacharelado ...)
 Física Ciências Biológicas e Biomédicas
 Letras Artes
 Outros

Em qual faculdade você está cursando a graduação?

- UFRJ UFF
 Puc-Rio FGV-Rio
 UERJ UEZO
 UFRRJ UVA
 Outra

Qual é o seu período?

- 1º 2º 3º 4º
 5º 6º 7º 8º
 9º 10º Outro

Qual a sua previsão de formatura?

- 2021.1 2021.2 2022.1 2022.2
 2023.1 2023.2 2024.1 2024.2
 Outro

Bloco sobre perguntas sociodemográficas (raça, gênero, idade e renda):

Qual é o seu sexo?

- Feminino Masculino Prefiro não responder

Qual é a sua cor/raça?

- Amarela Branca Indígena Parda
 Preta Prefiro não responder

Qual é a sua faixa etária:

- Menor de 20 De 20 a 25 De 25 a 30 De 30 a 35
 Maior de 35

Você tem alguma fonte de renda (excluindo possíveis auxílios universitários)?

- Sim Não

Se sim, qual é o valor de sua renda?

- Entre 0 a R\$ 400,00 De R\$400,00 a R\$ 1000,00
 De R\$ 1000,00 a R\$ 3000,00 De R\$ 3000,00 a R\$ 7000,00
 De R\$ 7000,00 a R\$ 10.000,00 Acima de R\$ 10.000,00

Qual é o seu tipo de ocupação?

- Bolsas estudantis (IC, monitoria, etc.) Estágio remunerado
 Emprego em empresa privada Funcionário público
 Autônomo Outro tipo

Você recebe algum auxílio universitário?

- Sim Não

Se sim, qual o valor do seu auxílio?

Bloco sobre moradia e ajuda nas despesas de casa:

Você mora com os pais?

- Sim Não

Se sim, ajuda nas despesas de casa?

- Sim Não

Se sim, quanto da sua renda vai para a ajuda nas despesas de casa?

- De 5 a 10% De 10 a 20%
 De 20 a 30% De 30 a 40%
 De 40 a 50% Mais de 50%

Bloco sobre reserva financeira, investimentos e sobre os tipos de investimentos feitos:

Você tem algum tipo de reserva de dinheiro?

- Sim Não

Se sim, quanto você consegue poupar de sua renda?

- De 0 a 5% De 5 a 15%
 De 15 a 20% Mais de 20%

Se sim, você investe a sua renda?

- Sim Não

Se sim, em qual tipo de investimento?

- CDB Debêntures
 Títulos Públicos Ações
 Fundos de Investimento (ações, multimercado, imobiliário, etc.)
 Previdência (PGBL e VGBL)
 Dólar Poupança
 Outros

Bloco sobre dívidas e parcelamento:

Você tem alguma dívida no momento?

- Sim Não

Se sim, de qual tipo é a sua dívida?

- Cartão de Crédito Compra parcelada
 Empréstimo no cartão de crédito Cheque especial
 Empréstimo com desconto em folha
 Empréstimo informal (com amigos, família etc) Outro tipo

Você tem o costume de comprar parcelado?

- Nunca, só a vista
- Sim, mas somente em uma necessidade
- Sim, mas somente se não tiver desconto na compra à vista
- Sim, em qualquer situação

Bloco sobre capacitação financeira através de cursos e por conta própria:

Você já participou de algum tipo de curso, aula ou capacitação sobre finanças pessoais?

- Sim
- Não

Se sim, qual foi a carga horária total dos cursos que você fez?

- De 10 a 20 horas
- De 20 a 30 horas
- De 30 a 40 horas
- De 40 a 50 horas
- De 50 a 60 horas
- De 60 a 100 horas
- Mais de 100 horas

Se nunca participou, por quê?

- Falta de oportunidade/oferta de cursos sobre o tema dentro do seu curso da faculdade
- Falta de condições financeiras
- Não acha importante
- Acha importante, mas não tem interesse
- Falta de tempo

Você tem o costume de participar de lives sobre finanças pessoais?

- Sim
- Não

Você busca aprender sobre finanças por conta própria?

- Sim Não

Se sim, você costuma recorrer a quais desses canais para aprender?

- Leitura por conta própria em sites de notícias
- Vídeos no Youtube
- Leitura por conta própria em jornais papel físico
- Conteúdos no Instagram, LinkedIn etc.
- Outros

Bloco sobre perguntas para averiguar o nível de educação financeira dos alunos:

Juros compostos – Se você investiu R\$ 100,00 em um investimento com juros de 10% ao ano por um período de 3 anos. O gerente te dá duas opções: juros simples ou juros compostos. Qual é a melhor opção?

- Juros Simples
- Juros Compostos
- Não sei

Inflação – Suponha que, em janeiro de 2020, você tinha uma renda mensal de R\$ 3000,00. Em janeiro de 2021, após uma inflação de 3% ao ano, você continua a ter a mesma renda mensal. Pode-se dizer que seu poder de compra mensal:

- Aumentou
- Diminuiu
- Permaneceu o mesmo
- Não Sei

Taxa de Juros e Preço de Títulos – Suponha que você investiu R\$ 100,00 em um título público com taxa de juros de 10% a.a. Passados seis meses, a taxa de juros cai para 8%. O preço do título:

- Aumenta
- Diminui
- Permanece o mesmo
- Não sei

Taxa de Juros - Atualmente, a taxa de juros de mercado (SELIC ou CDI) está mais perto de qual valor?

- 1,90%
- 2,00%
- 3,45%
- Não sei

O que é melhor: comprar algo à vista com 21% de desconto ou pagar a prazo e investir o valor em um investimento que renderá 25% sem risco no mesmo período?

- Comprar à vista
- Comprar à prazo
- Não sei